

## **A AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM: O OLHAR DE ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

### **THE CONCEPT OF STUDENTS FROM THE 6TH GRADE OF ELEMENTARY EDUCATION ABOUT AFFECTIVITY IN LEARNING**

Cleânia de Sales Silva

#### **Minicurrículo**

Graduação em Pedagogia / Magistério, Universidade Estadual do Piauí. Especialização em Psicopedagogia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestrado em Educação, Universidade Federal do Piauí. Doutorado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Possui experiência docente e tem desenvolvido pesquisas na área de educação, com ênfase em fundamentos psicológicos da educação, psicopedagogia, representações sociais e psicologia e comunicação. Professora efetiva da Área de Fundamentos Psicológicos da Educação da Universidade Federal do Piauí. Rua Belchior Barros, 3151, Condomínio Vila Formosa- casa 23. Planalto Ininga. Teresina-Pi. CEP: 64052-500. E-mail: cleaniasales@ig.com.br

Iracema Nayana Albuquerque

#### **Minicurrículo**

Graduação em Pedagogia / Magistério, Universidade Federal do Piauí. Possui experiência docente na Educação Infantil e Educação Fundamental em escolas privadas e públicas municipais de Teresina-Pi. Tem desenvolvido pesquisas sobre a afetividade no processo ensino-aprendizagem. E-mail: iracemanaya\_life@hotmail.com

## **RESUMO**

O presente trabalho tece reflexões sobre a afetividade no processo de aprendizagem dos alunos dos anos finais do ensino fundamental, a partir do ponto de vista desses alunos. Tal trabalho se fundamenta numa pesquisa que teve como objetivo analisar o que pensam os alunos a respeito da afetividade na sua aprendizagem. A pesquisa foi realizada numa escola estadual de Teresina-Pi, com 60 alunos do 6º ano do Ensino fundamental da referida escola. Os dados da pesquisa foram coletados através de questionário e analisados com base nas ideias dos autores que discutem a temática, tais como: Almeida (2007), Brust (2009), Chalita (2001), Leite e Tassoni (2006, 2013), Piaget (1992, 1994), Vygotsky (1993), Wallon (1986, 1999), entre outros. Os dados da pesquisa mostraram que todos os sujeitos avaliam positivamente a relação que têm com seus professores; consideram o bom professor aquele que, além de saber expor os conteúdos, é carinhoso; e atribuem grande importância à afetividade na aprendizagem, principalmente no que se refere à relação professor-aluno. Segundo os sujeitos, um bom relacionamento entre professor e aluno, pautado no carinho, na atenção e na compreensão, ajudam eles a gostarem mais da disciplina estudada, a se esforçarem mais e, conseqüentemente, a aprenderem mais. Tais concepções mostram que

as atitudes afetivas dos professores são primordiais no processo de aprendizagem dos alunos, não apenas na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental, mas abarcando os níveis de ensino subsequentes.

**Palavras-chaves:** Afetividade. Relação professor-aluno. Aprendizagem.

## **ABSTRACT**

This work reflects on the affection in the learning process of students in the final years of elementary school, from the viewpoint of them. Such work is based on research that analyzes what students think about the affection in their learning. The survey was conducted in a municipal school in Teresina-Pi, with 60 students from the 6th grade of elementary school. The survey data were collected through questionnaire and analyzed with ideas of authors who discuss the theme, such as Almeida (2007), Brust (2009), Chalita (2001), Milk and Tassoni (2006, 2013), Piaget (1992, 1994), Vygotsky (1993), Wallon (1986, 1999), among others. The data have shown that all characters gave a positive assessment in relationship they have with their teachers; they consider the good teacher besides knowing and expose the contents, is gentle; they attach great importance to affection in learning, especially in regard to teacher-student relationship. According to participants, a good relationship between teacher and student, based on tenderness, attention and understanding, help them to like more of the studied discipline, then, they strive and learn more, consequently. Such views show that the affective attitudes of teachers are essential in the learning process, not only in kindergarten and the first years of elementary school, but covering the subsequent levels of education.

**Keywords:** Affection. Teacher-student relationship. Learning.

## **1 INTRODUÇÃO**

A afetividade tem-se constituído num tema bastante atual e abrangente, visto que ela abarca todas as relações do indivíduo no mundo em que este está inserido, interferindo positivamente ou negativamente nessas relações.

Dentro da literatura, são diversas as definições encontradas para este termo. Para Almeida (2007), a afetividade refere-se à capacidade e à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno.

Carvalho e Cuzin (2008) abordam a afetividade como a demonstração de sentimentos intrínsecos (paixão, amor, entre outros) em que o indivíduo tem competência de considerar na tentativa de entender o que sente por meio das relações sociais instituídas no meio que o cerca.

Antunes (2007) define a afetividade como sendo o estado de ânimo ou humor, os sentimentos, as emoções e as paixões, que podem definir atitude do indivíduo perante qualquer experiência vivida, gerando impulsos motivadores e inibidores. Exatamente por isso, ela exerce uma profunda influência sobre o pensamento e o comportamento do indivíduo, seja motivando-os ou inibindo-os.

Entre os diversos contextos em que as interações afetivas ocorrem, está a escola. No ambiente escolar são construídas relações de alegria e tristeza, competição, frustração, conquista, sucesso, entre tantos outros sentimentos que formam a rede de emoção e de afetividade. Essa rede de afetividade interfere significativamente no desenvolvimento dos alunos e no seu processo de construção de conhecimentos.

Segundo Belloni (2003), um dos maiores desafios enfrentados na escola são justamente as questões socioafetivas e as estratégias de interação com os alunos e suas implicações no processo ensino-aprendizagem, principalmente nos níveis de ensino mais avançados, quando estas questões são comumente negligenciadas no ambiente escolar.

Na verdade, quando se fala em afetividade na escola se pensa logo na educação infantil ou nos primeiros anos do ensino fundamental, como se a afetividade não permeasse todas as etapas da vida escolar dos sujeitos.

Os estudos de Wallon (1986; 1999) mostram que o desenvolvimento humano ocorre baseado na afetividade. Embora, na sua teoria, este desenvolvimento tenha sido descrito desde o nascimento do indivíduo até a sua adolescência, o teórico explica que constituição do eu é um processo permeado pela afetividade que dura toda a vida.

Assim, partindo da ideia de que a afetividade permeia as experiências do indivíduo em todas as etapas de sua vida e de estudos realizados que defendem o papel fundamental que as manifestações afetivas desempenham no processo de aprendizagem escolar, buscamos, neste artigo, tecer algumas reflexões acerca das concepções que os alunos do 6º ano do ensino fundamental têm sobre a afetividade na aprendizagem, visto que os estudos referentes a estes temas concentram-se, em grande parte, nas ideias de professores, estudiosos e especialistas da área, carecendo assim de mais estudos que se remetam às impressões do principal protagonista desse processo: o aluno. Estas reflexões partem de uma pesquisa realizada, cujo objetivo foi investigar o que esses alunos pensam sobre a afetividade, suas manifestações nas vivências escolares e a relação que estas têm com a aprendizagem de conteúdos.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo sobre a afetividade e a sua importância no processo de aprendizagem tem ocupado a atenção de vários estudiosos, tanto no campo da educação quanto no campo da psicologia.

Na literatura da área de Psicologia, encontramos várias concepções sobre a temática. Segundo Piaget (1964), para realização de qualquer atividade há necessidade de energia que impulsiona, motiva. Seria esse, então, um dos papéis da afetividade: a energia que move a ação.

O teórico explica que o desenvolvimento intelectual é composto de dois elementos: o cognitivo e o afetivo, sendo que ambos se desenvolvem paralelamente, um influenciando o outro, a tal ponto de um não poder funcionar sem o outro, sendo indissociáveis no processo de aprendizagem. Essa ideia traz uma nova concepção sobre a afetividade à medida que a define como a energia da ação pedagógica, fundamental para o funcionamento da experiência cognitiva.

A inteligência, segundo Piaget, funciona a partir da afetividade, pois para o sujeito resolver problemas é preciso haver necessidade, interesse e motivação afetiva. Deste modo, a afetividade e a razão se complementam: a primeira é a energia que move a ação; já a razão é o que possibilita ao sujeito identificar seus desejos, sentimentos variados e obter êxito nas ações.

Vygotsky (2003), por sua vez, reconhece que há uma íntima ligação entre a aprendizagem e a dimensão afetiva. É a afetividade, segundo o teórico, que coordena os significados dos objetos e das situações vivenciadas em cada indivíduo, proporcionando o aprendizado destes.

O sujeito não nasce com o conteúdo cultural internalizado em sua mente. Faz-se necessário a transmissão da cultura pelo outro, mas somente transmiti-lo não é suficiente. A socialização com pessoas mais experientes, a troca de ideias, a significação são essenciais para que o conteúdo seja aprendido.

Para Wallon (1986; 1999), a afetividade também assume um valor fundamental. Ela é o elemento mediador das relações sociais e um dos domínios funcionais do sujeito. O estudioso explica que desde o seu nascimento, o ser humano desenvolve a capacidade de se envolver e de se relacionar através de suas emoções. “A relação com o ambiente desenvolve, na criança, sentimentos intraceptivos e fatores afetivos” (WALLON, 1999, p.131 e 135) e é dessa forma, que

ela vai estabelecendo vínculos afetivos com os objetos e com as pessoas que a cercam, atribuindo significados, desenvolvendo suas características e construindo suas relações (com os outros e consigo mesma) ao longo da sua vida.

É por meio dos afetos que estabelecemos vínculos. É a partir dos vínculos afetivos que podemos nos relacionar com os outros e com o meio em que estamos inseridos. O mesmo meio no qual estamos inclusos nos dá as ferramentas para a construção desses vínculos, através da linguagem, da percepção, da memória, os quais vão definir os modos como nos apropriamos da realidade e lhes damos significado.

Segundo Branco (2010), as nossas ações não podem ser compreendidas se não considerarmos os afetos que as acompanham. Até mesmo os pensamentos e as fantasias, ou seja, aquilo que fica contido em nós, só tem sentido se soubermos o afeto que o acompanha. São os afetos que dão colorido especial à conduta de cada um de nós e a nossa vida. Eles se expressam nos desejos, nos sonhos, nas fantasias, nas expectativas, nas palavras, nos gestos, naquilo que fazemos e no que pensamos.

Além de dar esse colorido especial às nossas vidas, possibilitando-nos atribuir significados às experiências vivenciadas, como vimos, a partir das ideias dos teóricos citados, a afetividade tem papel fundamental na forma como nos comunicamos e nos relacionamos com os outros, no nosso desenvolvimento cognitivo, na capacidade de pensarmos, abstrairmos, raciocinarmos e aprendermos. Vieira e Lopes (2004, p.30) concordam com estas ideias:

A afetividade é indispensável à produção do conhecimento e ao desenvolvimento cognitivo, pois a convivência entre as pessoas oferece inúmeros conhecimentos, já que as pessoas pensam, sentem e agem de forma diferente. Além disso, é através dos relacionamentos que o indivíduo constrói a sua identidade e autoestima, muito importantes no processo ensino-aprendizagem.

Em consonância com o exposto, Rossine (apud SILVA, 2001, p.15) afirma:

[...] a falta de afetividade leva à rejeição aos livros, à carência de motivação para a aprendizagem e à ausência de vontade de crescer. Se o ser humano não está bem afetivamente, a sua ação como ser social estará comprometida, sem expressão, sem força, sem vitalidade. Isto vale para qualquer área da atividade humana, independentemente de idade, sexo, cultura.

Considerando que a afetividade, o interesse e a aprendizagem estão interligados, fica evidente a importância da afetividade no processo de aprendizagem e a necessidade de um ensino voltado para os afetos.

A afetividade se manifesta na escola, contudo, em diferentes aspectos: na relação professor-aluno, na relação aluno-aluno e na relação que o aluno estabelece com o conteúdo a ser aprendido.

A este respeito, Sobral (2007) aborda que para ocorrer aprendizagem é necessário que a relação afetiva seja estabelecida entre os envolvidos no processo (aluno, professor, conteúdo), pois mesmo o que o aluno venha a fixar algum conteúdo, não será uma aprendizagem significativa, se esta relação afetiva não tiver sido efetivada.

No que concerne à relação professor e aluno, os teóricos afirmam que tal relação poderá gerar aspectos positivos, como um relacionamento sadio e duradouro, que vão interferir, facilitando a aprendizagem do aluno ou poderá gerar aspectos negativos, como conflitos em sala de aula, prejudicando seu aprendizado.

Miranda (2013), por sua vez, advoga que uma convivência diária sem afetividade entre professor e alunos torna-se intragável para todos e compromete o interesse dos alunos pelo ambiente, pelas vivências e pelos conteúdos a serem aprendidos. Daí a necessidade de se estabelecer relações entre professor e aluno saudáveis e afetuosas.

As relações de afetividade estabelecidas entre o professor e aluno se manifestam quando o professor exerce o seu papel de mediador no processo de aprendizagem, sendo um modelo de referência para o aluno e estabelecendo um relacionamento de proximidade, atenção e envolvimento.

Leite e Tassoni (2006, 2013) reafirmam a importância da proximidade e da receptividade distinguindo-as: Proximidade está relacionada ao deslocamento do profissional da educação para auxiliar em alguma necessidade do aluno em relação à construção do conhecimento; já receptividade está relacionada a estar próximo, ter amizade, se envolver e se importar com os alunos. Sempre que o professor se aproxima do aluno demonstrando interesse, deixa claro que se importa com o que ele está executando, cria um clima de confiança, gerando o aumento dos laços afetivos.

Segundo Oliveira (1998), quando o aluno não progride é necessário o

contato individual. Cada sujeito é singular em suas reações às influências gerais. Na sala de aula, o professor deve ficar atento para atender às demandas dos alunos, dando-lhes atenção, tirando suas dúvidas, dando-lhes retorno pelo cumprimento das atividades propostas e isso faz com que eles busquem contribuir com esta relação positiva, o que, por sua vez, possibilita uma experiência prazerosa na aprendizagem.

Sobre o assunto Pereira e Gonçalves (2010) advogam que no relacionamento entre professor e alunos a afetividade não se dá exclusivamente em atitudes como abraçar ou beijar o aluno com saudação na sua chegada à sala de aula ou ainda somente com elogios, embora isso tudo seja importante, mas também com o olhar confiante do professor em relação ao aluno.

A confiança do professor em relação ao aluno é importante porque gera segurança e equilíbrio entre ambos, faz o aluno se sentir capaz, fortalece sua autoestima, facilitando a sua aprendizagem. Exatamente por isso, espera-se que o educador transmita segurança e confiança, estabeleça um relacionamento de afeto e amizade, conquistando assim a estima de seu aluno.

O vínculo afetivo estabelecido favorece a expressão de questões pessoais entre professor e aluno no cotidiano escolar. Além disso, o professor como mediador deve conduzir seu aluno a autonomia e ao sucesso na construção da aprendizagem, influenciar na formação da personalidade de seus alunos, dar suporte para que estes se tornem adultos seguros e confiantes, capazes de pensar de forma crítica o mundo que os cercam. (PEREIRA; GONÇALVES, 2010, p.13).

Antunes (2007, p.56) comenta:

A relação professor e aluno deve ser baseada na afetividade e na confiança, pois: se o professor assume aulas para uma classe e crê que ela não aprenderá, então esta terá imensas dificuldades. Se ao invés disso, ele crê na expectativa do desempenho da classe, ele conseguirá uma mudança, porque o cérebro humano é muito sensível a essa expectativa sobre o desempenho.

Estudos desenvolvidos por Ribeiro (2005), sobre a competência afetiva na relação educativa, mostraram que a relação de afetividade fortalece o vínculo entre alunos e professores e, em um ambiente de confiança, os alunos passam a construir uma autoimagem positiva, um compromisso com o professor e passam a participar ativamente das aulas, melhorando a qualidade do ensino e diminuindo a desistência nos estudos.

Logo, é importante que o educador esteja atento aos feitos de seus alunos,

zele pelo seu aprendizado e estabeleça um relacionamento saudável em sala de aula pautado no acolhimento, no respeito às diferenças e no carinho. Os docentes devem ver seus alunos não apenas como indivíduos que necessitam obter conhecimentos específicos sobre determinadas disciplinas, mas como indivíduos que precisam de atenção, orientação, compreensão, respeito e, acima de tudo, carinho.

Sobre isso, Rodrigues apud (BRUST, 2009) defende a ideia de que uma criança aprende melhor e mais depressa quando se sente querida, está segura de si e é respeitada em sua individualidade.

O aluno que é acolhido, respeitado, tratado com carinho e atenção tem prazer em frequentar as aulas, reage positivamente aos estímulos dados pelo professor e tem mais possibilidades de obter aprendizagens significativas durante toda a sua vida escolar.

Nesse enfoque, a forma como o professor se relaciona com os alunos passa a ser tão importante quanto a forma de ensinar e o conteúdo a ser ensinado. Por isso, a intensificação das relações, os aspectos afetivos emocionais, a dinâmica das manifestações e as formas de comunicação passam a ser pressupostos para o processo de construção do conhecimento.

Dessa maneira, a relação professor – aluno não é somente essencial, como também uma estratégia de ensino. Um professor afetivo faz toda diferença na sala de aula, em todas as modalidades de ensino.

Existem algumas práticas eficazes no ensino permeadas de afetividade que, segundo Leite e Tassoni (2013), ajudam os alunos a aprenderem mais e melhor. Em primeiro lugar, o professor necessita estar sempre que possível disponível. Estar disponível se refere às seguintes ações: atender as necessidades dos alunos em ações pedagógicas como dar dicas, ensinar passo a passo ideias, mostrar como se faz, dar exemplos, ensinar a estudar, mostrar diferentes formas de fazer.

Em segundo lugar vem a entonação de voz do professor em sala de aula. Dependendo como o professor se expresse afetará positivo ou negativamente seus alunos. Ao expressar-se de maneira clara e com calma produzirá sentimentos de consideração e respeito, caso contrário poderá gerar insegurança, antipatia, ansiedade influenciado negativamente na aprendizagem.

Em terceiro; o professor precisar saber como trabalhar os conteúdos de



forma que seu aluno aprenda. Nesse caso é importante valorizar os conhecimentos prévios dos seus alunos e se colocar no lugar destes, além de demonstrar entusiasmo ao ensinar o conteúdo.

Para Leite e Tassoni (2006), o professor também necessita ter paciência com os alunos, cultivar a simpatia, ser dedicado e provocar a participação dos alunos através do diálogo, fazer com que estes se sintam à vontade em expor seus pontos de vista. Afinal, ao permitir que os alunos falem, o professor possibilita o confronto de pontos de vista, o possível surgimento do conflito cognitivo e sua provável superação, favorecendo a construção do conhecimento. Além disso, a afetividade que se manifesta nessa relação constitui-se elemento inseparável do processo de aprendizagem e a própria qualidade da interação pedagógica vai conferir um sentido afetivo para o objeto de conhecimento.

Considerando que os laços afetivos estabelecidos entre professor e aluno influenciam positivamente no processo de aprendizagem destes, possibilitando oportunidades de aprendizado permeadas de afetos, interferindo na qualidade dessa aprendizagem e na sua formação enquanto um ser crítico e autônomo, a reflexão sobre as manifestações afetivas no contexto da sala de aula e o que os alunos pensam a respeito torna-se importante para ampliar o debate sobre a temática e redimensionar as relações entre professor e aluno, principalmente no que se refere aos anos finais do ensino fundamental e subsequentes. Foi o que nos propusemos realizar neste trabalho, solicitando aos alunos do 6º ano da escola pesquisada para se manifestarem a respeito.

### **3 METODOLOGIA**

A pesquisa que fundamenta as nossas reflexões foi realizada numa escola da rede estadual de Teresina-PI, com alunos do 6º ano do Ensino fundamental. A escolha dessa série foi em função de ser a primeira dos últimos anos do ensino fundamental, período em que, historicamente, se rompe com toda uma cultura escolar fundamentada na afetividade, característica da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental.

A escola possui duas turmas do 6º ano, tendo ao todo 60 alunos, 36 do sexo masculino e 24 do sexo feminino, com idade compreendida entre 11 a 13 anos.

Os dados da pesquisa foram coletados através de questionários, compostos

de 11 questões objetivas sobre a temática, com alternativas de respostas para os sujeitos marcarem. Os questionários foram aplicados com todos os alunos das 2 turmas do 6º ano do ensino fundamental da referida escola.

Os dados coletados foram tabulados e analisados com base nas ideias dos autores que discutem a afetividade no processo de aprendizagem, como Almeida (2007), Antunes (1996), Brust (2009), Chalita (2001), Leite e Tassoni (2006, 2013), Miranda (2013), Oliveira (1998), Piaget (1964), Sobral (2007), Vieira e Lopes (2004), Vygotsky (2003), Wallon (1986, 1999), entre outros.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A primeira pergunta do questionário aplicado aos alunos investigados solicitava que eles dissessem o que era um bom professor. A maioria dos alunos considerou, em primeiro lugar, o bom professor como aquele que sabe expor os seus conhecimentos (36%). Em segundo lugar aquele professor carinhoso e que interage com os alunos (22% ambos) e em seguida, o professor que motiva (7%) e que é acessível aos alunos (5%). Apenas 3% dos sujeitos consideraram o professor exigente como bom professor. 5% dos alunos marcaram a alternativa “outro”, porém não especificaram que atributos outros seriam estes.

Na segunda pergunta foi questionado sobre a característica mais importante que um bom professor deve ter em sala de aula. 40% dos alunos apontaram como característica de um bom professor ter uma boa relação com os alunos, 33% citaram saber explicar bem, 17% ter domínio de conteúdo e 7% apontaram o dinamismo.

Esses dados demonstram que os alunos atribuem importância à afetividade entre professor e aluno, pois consideram o bom professor como aquele que é carinhoso e que tem uma boa relação com os alunos, que interage e motiva.

A terceira pergunta foi sobre o que eles entendem por afetividade entre professor e aluno. 36 % dos alunos definiram afetividade entre o professor e o aluno como sendo carinho e atenção; 25% definiram como amizade entre ambos; 22% definiram como compreensão e 17% como uma boa convivência.

O entendimento acerca da afetividade apontado pela maioria dos alunos vai ao encontro das ideias de alguns teóricos. Chalita (2001), por exemplo, define afetividade como união de duas pessoas, em que o carinho e a compreensão são elementos necessários para relacionamentos saudáveis.

Na quarta questão foi solicitado aos sujeitos que definissem o que seria um professor afetuoso. 35% dos educandos definiram professor afetuoso como aquele que chama a atenção dos alunos; 28% como aquele que demonstra atenção para com seu aluno; 27% definiram como aquele que conversa com seu aluno e 5% apontaram como aquele que aprova o aluno de qualquer jeito e que deixa as atividades serem entregues fora do prazo. 2% assinalam a opção “outros”, mas não especificaram que outros seriam estes.

Observamos, a partir das respostas dadas às questões 3 e 4, que os sujeitos, predominantemente, caracterizam o professor afetuoso como sendo aquele que se envolve com seu aluno, através de atitudes carinhosas, dando atenção ou, até mesmo, chamando a atenção deste quando necessário, ou mesmo conversando com seu aluno. As respostas dos sujeitos vão ao encontro dos achados de Ribeiro (2005), de que o professor afetivo é caracterizado como afetuoso, compreensivo, próximo e aberto ao diálogo. Também comungam com o que defendem Leite e Tassoni (2006, 2013) sobre a proximidade e a receptividade como características inerentes ao professor afetivo.

As questões subsequentes se remetiam à experiência escolar dos sujeitos. A quinta questão solicitava que eles respondessem “sim” ou “não” aos seguintes questionamentos: a) A disciplina que eles mais gostavam era ministrada pelo professor favorito deles? b) A disciplina preferida por eles era aquela em que eles tinham melhor aprendizado? A intenção era perceber a relação que os sujeitos estabeleciam entre a afetividade e a aprendizagem.

A este respeito, 67% dos investigados assinalaram a opção “sim”, afirmando que a disciplina preferida era aquela é ministrada pelo professor que eles mais gostavam. O que significa que, para a maioria dos sujeitos, o fato de gostarem dos professores leva-os a também gostarem da disciplina que o docente ministra e vice-versa.

Sobre o outro item da questão, 83% dos sujeitos assinalaram a opção “sim”, afirmando que aprendem mais na disciplina que mais gostam. Neste caso, fica perceptível, de forma bem significativa, a importância que os sujeitos atribuem à afetividade no seu processo de aprendizagem, estabelecendo relações entre o gostar da disciplina, o gostar do professor e a aprendizagem. Quando gostam do professor sentem-se entusiasmados em aprender. Do contrário, quando não gostam

do professor passam a não gostarem da disciplina por este ministrada. Assim, o significado que o aluno dá a sua relação com o professor influencia na sua relação com a disciplina ministrada e, conseqüentemente, na sua aprendizagem.

Na sexta questão, também de marcar “sim” ou “não”, foi interrogado se eles se esforçavam mais na matéria quando gostavam do professor que a ministrava. 82% dos alunos disseram que sim. Com base nas informações dadas, notamos que o relacionamento entre professor e aluno influencia no esforço que dedicam à disciplina. Eles se esforçam mais quando gostam do professor, fato explicado por Miranda (2013) ao abordar que um relacionamento entre professor e aluno carente de afeto compromete o interesse deste nas atividades de estudo.

Da sétima até a décima questão foram apresentadas opções de disciplinas que os sujeitos estudavam para eles assinalarem de acordo com a solicitação feita. Na sétima questão foi proposto que eles apontassem qual a disciplina que tinham mais dificuldades em aprender. 32% assinalaram história/geografia; 28% ciências; 23% matemática e português e 7% outras (inglês e informática).

A oitava questão, a indagação foi sobre a disciplina que tinham mais facilidade de aprender. 30% apontaram matemática; 27% português, 20% história/geografia e 13% ciências e 10% assinalaram a opção “outras”, referindo-se à informática e educação física.

Na nona questão foi feita a indagação sobre em qual disciplina o professor se mostrava mais afetuoso. 28% apontaram matemática; 23% português, 22% história/geografia, 17% ciências e 10% assinalaram “outras”, referindo-se, também, à informática e educação física.

Comparando a oitava e nona questões, podemos perceber que as disciplinas apontadas como aquelas em que os alunos têm mais facilidade de aprender são as mesmas em que são ministradas por professores mais afetuosos. Esse fato mostra que, para os alunos, a aprendizagem está intimamente ligada à afetividade. Eles aprendem mais quando o docente é afetuoso e se esforçam para aprender por gostarem do professor.

Quando os alunos se sentem acolhidos, respeitados, tratados com carinho e atenção eles demonstram prazer em aprender. As disciplinas ditas por eles como as ministradas por professor afetuoso são as que mais eles se empenham em aprender. Isso nos lembra a ideia defendida por Rodrigues apud (BRUST, 2009) de

que se aprende mais rápido e melhor quando se sente querido e respeitado pelo professor.

A décima questão procurou saber deles qual a disciplina em que o professor se mostrava menos afetuoso. As respostas expressas mostram que as disciplinas em que os professores são menos afetuosos são: ciências com 34%; história/geografia com 28%; matemática com 18%; português com 13% e 7% assinalaram “outras”, citando educação, inglês e informática.

Comparando tais respostas com as da questão 8 podemos perceber que ciências é a disciplina que eles consideram o professor menos afetuoso (34%), seguida de história e geografia (28%) e são as duas disciplinas em que eles afirmaram apresentar mais dificuldades de aprendizagem.

De acordo com as respostas dos alunos, constatamos que quanto menos afetuoso for o educador maiores são as chances dos discentes não se interessarem por sua disciplina ou ainda apresentarem dificuldades no aprendizado desta. Quanto mais afetuoso for o professor mais vão gostar da disciplina e aprenderem. Sobre isso, Leite e Tassoni (2013) defendiam que uma das formas de o professor ajudar os alunos a aprenderem mais e melhor é dar-lhes atenção, estabelecer um diálogo com calma e de forma carinhosa.

A questão 11 interrogou a respeito de como é o relacionamento entre o professor e aluno na sala de aula dos sujeitos. 36% dos sujeitos consideraram bom o relacionamento com todos os professores da turma e 30%, afirmaram ter um bom relacionamento com a maioria dos professores ministrantes. 12% afirmaram ser bom com poucos professores, 15% consideraram este relacionamento razoável e somente 7% consideraram ruim. Esses dados nos revelam que os sujeitos possuem, predominantemente, uma visão positiva dos seus professores e da relação que estabelecem com eles na sala de aula.

Todas as respostas aqui analisadas revelam, portanto, que os alunos pesquisados atribuem grande importância à afetividade no seu processo de aprendizagem. No contexto escolar, aspectos como afeto, carinho e atenção são, para eles, importantes para um bom relacionamento entre professor e aluno, ajudam eles a gostarem mais da disciplina estudada, a se esforçarem e a aprenderem mais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa realizada com alunos do 6º ano do ensino fundamental de uma escola estadual de Teresina-Pi sobre o que eles pensam acerca da afetividade, suas manifestações nas vivências escolares e a relação que estas têm com a aprendizagem de conteúdos, podemos tecer as seguintes considerações:

Os sujeitos apresentam uma concepção de afetividade atrelada à relação professor-aluno, pautada em carinho, atenção, compreensão e diálogo.

Predominantemente têm uma visão positiva de seus professores e da relação que estabelecem com eles no contexto da sala de aula.

Atribuem grande importância à afetividade no processo de aprendizagem, visto que:

- Consideraram um bom professor como aquele que, além de saber expor os conteúdos, é carinhoso, tem um bom relacionamento com os alunos e interage com estes;
- Estabeleceram relações entre o gostar da disciplina, o gostar do professor e a aprendizagem, à medida que apontaram as disciplinas que mais gostavam como aquelas ministradas por seus professores favoritos e que, por sua vez, são as que mais se esforçam e adquirem mais aprendizado;
- Reafirmaram a importância da afetividade na aprendizagem ao citarem as disciplinas que mais têm facilidade em aprender como as ministradas pelos professores mais afetuosos. Em contrapartida, citaram as disciplinas em que apresentavam mais dificuldades como aquelas ministradas por professores menos afetuosos.

Defendem um clima afetivo em sala de aula como favorecedor do aprendizado. O afeto, o carinho e a atenção do professor são elencados, por eles, como fatores que interferem positivamente no interesse e na dedicação que manifestam em relação à disciplina e no aprendizado dos conteúdos desta.

Assim, a partir destas considerações, destacamos a importância de se valorizar o aspecto afetivo no processo de aprendizagem, independente do nível de ensino em que os alunos se encontram, afinal como diz Rossine (apud SILVA, 2001), a falta de afetividade compromete a ação do sujeito, em qualquer área da

atividade humana, independentemente de idade.

Partindo das reflexões aqui apresentadas e do pressuposto de que a opinião dos alunos é de fundamental importância para se repensar a prática de ensino dos professores, inclusive no que se refere à interação que estes estabelecem com seus alunos e às condições afetivas que propiciam na sala de aula para favorecerem a aprendizagem, esperamos que este trabalho possa trazer subsídios que venham contribuir para melhorar as relações entre professor e aluno e, conseqüentemente, o processo de aprendizagem deste, principalmente nas séries que sucedem os anos iniciais do ensino fundamental. Esperamos, também, instigar novos estudos sobre a temática, ampliando o campo de pesquisa que aqui se restringiu apenas ao 6º ano desse nível de ensino.

## Referências

ALMEIDA, L. R. **Afetividade e aprendizagem**: contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Loyola, 2007.

ANTUNES, Celso. **Relações interpessoais e autoestima**: a sala de aula como espaço do crescimento integral. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BELLONI, M. L. **Educação a Distância**. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

BRANCO, Wilson. **A importância da vida afetiva**. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://coachingvoce.blogspot.com.br/2010/05/importancia-da-vida-afetiva.html>>. Acesso em: 24 jun. 2014.

BRUST, Josiane Regina. **A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2009, 44f. Monografia (Graduação em Pedagogia)-Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

CARVALHO, E. G. de; CUZIN, M. I. **A psicopedagogia institucional e sua atuação no mercado de trabalho**. Campinas –SP: Fe/Unicamp, 2008.

CHALITA, G. **Educação**: a solução está no afeto. São Paulo: Gente, 2001.

LEITE, S. A. da S.; TASSONI, E. C. M. **A afetividade em sala de aula**: as condições de ensino e a mediação do professor. Disponível em: 2006. <<http://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>>. Acesso em 27 de fev. 2013.

\_\_\_\_\_. **Afetividade no processo de ensino-aprendizagem**: as contribuições da teoria walloniana. Educação. Porto Alegre (impresso), v. 36,

n. 2, p. 262-271, maio/ago., 2013.

MIRANDA, D. B. de. **A relação do afeto professor aluno na educação infantil como facilitador da aprendizagem.** (monografia eletrônica). Brasília: UNB, 2013.

OLIVEIRA, C.C. **Psicologia da Ensino:** Psicologia dos processos mentais na relação professor/aluno. Brasília: Kelps. 1998.

PEREIRA, M. J. A.; GONÇALVES, R. **Afetividade:** caminho para aprendizagem. Revista Alcance. UNIRIO. n. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.com/periodicos/EAD-afetiva-na-aprendizagem>>. Acesso em: 17 out. 2014.

PIAGET. J. **Seis estudos de psicologia.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1964.

RIBEIRO, M. J. Análise das representações sociais da afetividade na relação educativa. In: **Psicologia da Educação.** São Paulo, v. 20, p. 31-54, 2005, Disponível em: <[http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/psie/v20/v20\\_a\\_03.Pdf](http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/psie/v20/v20_a_03.Pdf)>. Acesso em: 04 jun. 2012.

SOBRAL, M. de L. et al. A Influência da Afetividade no Ambiente Pedagógico. **Interfaces de Saberes.** v. 7, n. 2, 2007.

SILVA, J. M. da. **A importância da afetividade na relação professor x aluno:** um olhar psicopedagógico. 2005, 56f. Monografia (Pós Graduação em Psicopedagogia) - Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2005.

VIEIRA, A. Silva; LOPES, M. D. **Graduandas em Pedagogia.** A afetividade entre professor e aluno no processo de aprendizagem escolar na educação infantil e séries iniciais. [S.l.]: Lins, 2004.

VYGOTSKY, L. S. (1993) **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes. 2003

WALLON, H. As origens do pensamento da criança. São Paulo: Manole. 1986.

\_\_\_\_\_. **A Evolução Psicológica da Criança.** Lisboa, Edições 70, 1999.